

JOSÉ DE LIMA FIGUEIREDO

Quando surgiu a lume o primeiro número da "Revista Brasileira de Geografia", achava-se o então major JOSÉ DE LIMA FIGUEIREDO no Japão, a convite do respectivo governo, para observar as regiões em que se desenvolvia a guerra sino-japonesa

Ao regressar, com atestados enaltecedores de sua atuação, de Tóquio a Mandchuro, à China do Norte e Mongólia Interior, cujos problemas econômicos e educacionais estudou, além dos militares, assumiu, do número de janeiro de 1940 em diante, o lugar que lhe fôra destinado na respectiva "Comissão de Redação"

Para comprovar a sua decisão de cooperar eficientemente, ao lado de parceiros de admiráveis credenciais, como os professores M. DELGADO DE CARVALHO, SÍLVIO FRÓIS ABREU, VANDA DE MATOS CARDOSO e o engenheiro JOSÉ CARLOS JUNQUEIRA SCHMIDT, não tardou em contribuir com os seus pareceres e o primeiro artigo — "O Acre e suas Possibilidades"

Assinalou, de início, que fôra designado, em 1928, pelo general RONDON, para inspecionar as "fronteiras do Peru e da Bolívia com o Brasil, no trecho compreendido entre a cabeceira do Santa Rosa, afluente raiano do Purus e a foz do Abunã no Madeira"

Sob a chefia do incomparável "civilizador dos sertões", perambulou dilatada faixa das paragens extremas do país, de que se tornou conhecedor abalizado

Satisfazia desta maneira os anseios de peregrinar por terras distantes do Rio de Janeiro, onde nascera a 2 de junho de 1902

Apenas concluiu o curso da Escola Militar, ingressou na Comissão Rondon, habilitada, mais do que outra qualquer, a satisfazer-lhe a curiosidade de viajante incansável, que sabia observar as peculiaridades locais e interpretá-las em linguagem apropriada

Assim, após "palmilhar metade do território do Acre, executando levantamento expedito, fazendo recenseamento e obtendo informações", esboçou o cenário acreano, onde penetram dois grandes rios — o Purus e o Juruá — "e nêles desenvolvem uma basta galhada de afluentes e subafluentes que o cobrem de boas vias de comunicação"

Todavia, faltam estradas transversais, pois que tôdas as fazem "pelo aranhol potâmico, aproveitando-se os furos, os paranás e os igarapés durante as cheias"

Daí se causa o alongamento do percurso de Cruzeiro do Sul, à margem do Juruá, a Rio Branco, do Acre, por cerca de dois meses de navegação, a bordo dos "vapores denominados vaticanos", quando bastaria pouco mais de um dia, se houvesse ligação direta

É uma das singularidades da região, que mantém os escassos núcleos demográficos ao longo de linhas fluviais, que dificilmente se articulam com as vizinhanças da contravertente

Depois de descrever os rios, com os seus "sacados", ou "meandros", as cheias, às vêzes repentinas, nos repiquêtes de inverno, entre outubro e abril, em contraste com o "verão quase sêco", a vegetação, tanto da várzea, quanto do terreno firme, examinou aspectos de geografia humana

"Aqui, na Amazônia, acentuou, o madeireiro abre larga picada que parte de um rio, de um igarapé, ou de uma lagoa onde as vitórias-régias esplendorosas e os mururés de flores roxas escandalosamente belas encobrem a peste que se abriga nas suas águas verdosas e sempre tépidas"

Aplicando esforços sobre-humanos arrastam os troncos de madeira, que escolheram e cortaram, até a beira d'água, onde procedem ao enjangadamento

"Com cabos de aço e argolas prendem as toras que formam um largo soalho. Sobre êle constroem um "tapiri", casinha de palha que servirá de residência ao condutor da balsa"

Vencidos os obstáculos da longa derrota, o "homem que extrai da mata a madeira, recebe em pagamento alguns paneiros de farinha, mantas curtidas de pirarucu, munição e roupas de tecido ordinário"

Semelhantemente, balsa de látex constituem as balsas de borracha, arrumadas em "caixilhos de troncos finos e leves", que descem de bubuia o rio, até alcançar navio destinado a Manaus ou Belém

De passagem, recenseou 27 552 habitantes que discriminou por nacionalidade, profissão, sexo, idade. O resumo histórico da região, cujos limites o Tratado de 27 de março de 1867 traçou, permitindo a sua ocupação pelos nordestinos, que a sêca de 1877 exilara de suas querências, completa o ensaio com que o autor iniciou a colaboração na "Revista"

As suas páginas também entregou os comentários sobre a "Nova Divisão Territorial do Brasil", em que resume as tentativas de agrupar de maneira diferente as unidades político-administrativas do país, consoante as sugestões de vários estudiosos do assunto, que as formularam depois da revolução de 1930

Já se achava em Cachoeira, no Rio Grande do Sul, para onde fôra transferido, com o encargo de comandar o 2.º Batalhão de Engenharia, quando datou, de 24-XI-1940, comentário ao livro de MÁRIO LACERDA DE MELO — "Pernambuco — Traços de sua Geografia Humana"

Ainda que fôsse assunto estranho às suas cogitações normais, soube aquilatar a valia do geógrafo, que distinguiu três zonas em seu estado: "litoral e mata, agreste e caatinga e sertão"

"O mangue, a areia e o coqueiro são os três elementos que compõem a paisagem litorânea"

Mas, a "poucos quilômetros do mar, a areia muda em massapé, o coqueiral em canavial É outra paisagem que começa"

A evolução da indústria canavieira, processou-se do banguê, que extraía 50 a 70 quilos de açúcar de uma tonelada de cana, à usina, capaz de obter 110 quilos

Em resumo, concluiu: "Um bom livro Bem argumentado Com uma "seqüência lógica no cascatear dos assuntos Escrito de maneira leve e agradável"

De igual maneira considerou, no número de janeiro de 1942, o livro em que TEÓFILO DE ANDRADE apresentou o "Rio Paraná no Roteiro da Marcha para o Oeste"

"Mostrando a influência dos rios na civilização dos povos, o autor cita o Tigre e o Eufrates, o Nilo, os caudais fornidos da Índia, o Hoang-Ho e Yang-Tsé-Kiang"

Depois de assinalar-lhes as benemerências, como ainda do São Lourenço, do Mississippi, e do Congo, o autor refletiu: "o observador que quisesse aplicar tais exemplos ao vale do Paraná se enganaria redondamente", pois que "ainda é deserto"

Em verdade, assim se mantinha, na época da sua peregrinação por aquelas paragens

Entretanto, pela sua extensão incluiu-se entre os grandes rios do globo, sendo maiores que êle o "Mississipi-Missouri, o Nilo, o Amazonas, o Yenessei, e o Yang-Tsé-Kiang"

"Segundo o capitão-de-fragata CUNHA COURO, o Paraná tem a extensão de 4 290 quilômetros, assim distribuídos:

— Desde a sua nascente até a foz do Paranaíba, onde perde o nome de Grande	1 138 km
— Da foz do Paranaíba até receber o Iguaçu	555 "
— Da confluência do Iguaçu à do Iguaçu	178 "
— Da barra do Iguaçu até Candelária	186 "
— De Candelária até Tranqueira do Loreto	156 "
— De Tranqueira do Loreto até Três Barras, onde recebe o Paraguai	222 "
— De Três Barras até Buenos Aires	1 466 "
— De Buenos Aires até a Ponta do Maldonado, onde toma o nome de Rio da Prata	389 "
	<hr/> 4 290 km

É afinal, "um livro interessante, instrutivo e de leitura fácil e agradável"

Quando a "Comissão da Revista" planeou dedicar à Amazônia esclarecedora série de artigos, de tal maneira distribuídos que, ao fim, constituíssem conjunto expressivo, enfileado em volume, coube a LIMA FIGUEIREDO tratar de "Fronteiras Amazônicas", primeiramente estampado no tomo de setembro de 1942

Era matéria que bem conhecia, de leitura, e no terreno, por ter perilustrado grande parte das fronteiras com os países vizinhos, "as três Guianas, Venezuela, Colômbia, Peru e Bolívia"

Com a Guiana Francesa, não demarcada ainda, "tem um desenvolvimento aproximado de 655 quilômetros e é desabitada a partir do terço médio do Oiapoque", pelo qual segue a linha limitrofe, conforme laudo arbitral de 1º de dezembro de 1900

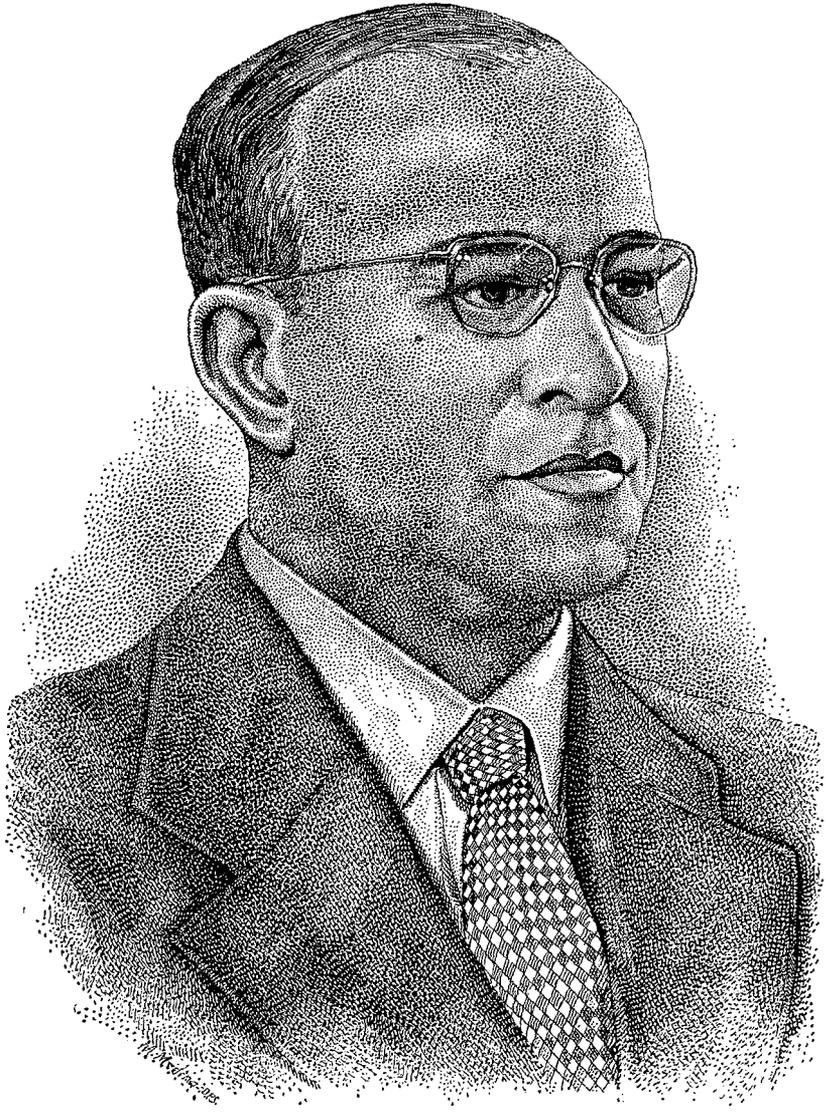
"Suas cabeceiras estão na altitude de 1 200 metros e são cortadas pelo paralelo de 2º norte Completamente livie até Clevelândia, impede-lhe a navegação, daí para cima, a multiplicidade de saltos e cachoeiras que infestam seu alto curso Seu volume, maior que o do Ródano e do Loire, é considerável e desproporcionado ao seu curso de 485 quilômetros, um terço menor que o do Maroni"

Com a Guiana Holandesa, a fronteira "perfeitamente caracterizada e demarcada", desde 30 de abril de 1938, quando se ultimaram os respectivos trabalhos, estende-se por 693 quilômetros, ao longo da cordilheira de Tumucumaque

A Guiana Britânica dilata-se do monte Roraima, "na mesa do qual se acha o marco de tijucação das fronteiras", Guiana — Brasil — Venezuela, até o formador principal do Tacutu, consoante decidiu o rei da Itália, a 6 de junho de 1904

Da Venezuela, lembrou a demarcação realizada de 1872 a 1882 pela comissão entregue à chefia do tenente-coronel de engenheiros FRANCISCO XAVIER LOPES DE ARAÚJO, que por isso adquiriu os brasões de barão de PARIMA, e a mais recente, confiada ao capitão-de-mar-e-guerra BRÁS DIAS DE AGUIAR

De 1644 quilômetros é a extensão da linha separadora da Colômbia, "levantada e demarcada de 1930 a 1936", pelos coronéis RENATO BARBOSA RODRIGUES e TEMÍSTOCLES



Armando Pimenta

PAIS DE SOUSA BRASIL, que refizeram e completaram as operações de 1871, de que se incumbiram A L VON HOONHOLTZ, barão de TEFÉ, e o DR MANUEL RAIMOND Y PAZ SOLDANO

Mais pormenorizada é a descrição relativa ao Peru, cujas raíças começam no Javari e continuam por 1 565 metros, sendo 573, por água, 992 por terra, consoante os resultados obtidos pela Comissão Ferreira da Silva, em confirmação às explorações do astrônomo L CRULS, que determinou as verdadeiras nascentes do Javari em 1901

Da Bolívia recordou os tratados anteriores ao de Petrópolis e a respectiva demarcação de 1877, geradora de dúvidas, como a derivada do marco do rio Verde

Singulariza-se, ainda, a fronteira em Bolpebra, onde se juntam a Bolívia, o Peru e o Brasil, cujas primeiras sílabas constituem o topônimo, designativo da localidade, entre o rio Acre e o seu afluente Iaverija

Ambos ainda permanecem de leito instável, de sorte que próximo à povoação do Yñapari há terreno que já foi brasileiro, peruano, pertence à Bolívia atualmente, mercê do deslocamento dos cursos d'água

Passando, em seguida, a estudar as comunicações com os diversos pontos estreitos, considerou em especial o canal de Caciquire, alongado por 365 quilômetros

Liga o Orenoco, venezuelano, ao rio Negro, brasileiro, ao qual vão ter 80 a 90% de suas águas, como se fôra apenas afluente, de acôrdo com as conclusões do geólogo GLYCON DE PAIVA

Não tardou que outro ensaio entregasse à "Revista", em cujo número I de 1943 veio a lume "A Ferrovia Corumbá-Santa Cruz de la Sierra", a que dedicava carinhosa atenção

Para dar "pulmões ao Oriente Boliviano", conforme acentuou, o seu govêrno considerou o privilégio da estrada de ferro ao rio Paraguai, em 1890

Não teve êxito o empreendimento, ao passo que do Prata a ferrovia sobe até Jacuiba, na fronteira boliviana, em busca de Santa Cruz

Semelhantemente, de Corumbá parte a linha férrea, através de banhados e morrarias, até a cidade fundada por NUFLO CHAVES

Acompanhava com interêsse a construção da ferrovia internacional, pela qual, ultimados os projetos em andamento, a ligação do Atlântico ao Pacífico, entre Santos e Arica, far-se-ia, de futuro, "passando quase pelo coração da América Meridional e com 4 010 quilômetros de desenvolvimento"

Para escolher a diretriz geral do traçado, a comissão incumbida da construção, dirigida pelos engenheiros LUÍS ALBERTO WHATELY, brasileiro e JUAN RIBEIRO TORRES, boliviano "executou um vôo de reconhecimento, no avião Bolivar, do Lóide Aéreo Boliviano, nos dias 17 e 19 de setembro de 1938

Valendo-se das facilidades proporcionadas pela aviação, em breve prazo os técnicos conseguiram o levantamento da faixa de 3,5 quilômetros, que lhes permitiu lançar a linha, com a rampa máxima de 1% e curvas de 300 metros de raio no mínimo para bitola de um metro

Contemporaneamente, para articulação com a ferrovia sertaneja, teve começo a construção da ponte sobre o rio Paraguai, extensa de "1 995 metros, dos quais 1 464 nas margens e 531 de vão livre sobre o rio"

Para a sua últimação ainda cooperaria o tenente-coronel LIMA FIGUEIREDO, como diretor da E F Noroeste do Brasil, que, todavia, não o afastou, de todo, da "Revista",

Ainda para o número 3 de 1943, contribuiu com apreciação do livro "Geographie Humaine et Economique de la Chine", onde "é o homem e não o solo, a vegetação ou o clima que constitui o elemento característico da paisagem chinesa"

Embora mantivesse agradáveis recordações das suas viagens por lá, como evidenciaram os seus livros — "O Japão por dentro — No Japão foi assim"

"Um observador no Extremo Oriente", frisou, para evitar interpretações descabidas:

"Não nos interessa, aqui, numa revista genuinamente brasileira, a geografia da China e sim a metodologia seguida pelo autor para edificar seu monumento"

E realçou a competência de GEORGE B CRESSEY, que depois de perflustrar grande parte da China, em companhia de sua espôsa, dividiu-lhe o território em oito regiões, cujas características estudou magistralmente

A sua resposta ao inquérito promovido pela Secretaria Geral, que mereceu aprovação do IX Congresso Brasileiro de Geografia, estampou-se no tomo 3 de 1941, com a sua opinião, doutamente justificada, apesar de não ter à mão, para consulta mais minuciosa, os livros de sua biblioteca

As idéias que expendeu, acêrca da divisão regional do Brasil, de acôrdo com o questionário, que lhe fôra endereçado, evidenciaram amplos conhecimentos do território brasileiro, obtido em suas peregrinações e leitura de obras de sábios geógrafos

O número da "Revista", do último trimestre de 1944, acolheu-lhe o artigo "Paraná-Oeste" em que descreveu "as terras magníficas que ficam compreendidas entre o caudaloso e lindo Paraná e a serra Esperança, abrupto degrau que se apresenta a quem viaja de Ponta Grossa para Guarapuava".

Entre o Paranapanema ao norte, e o Iguaçu, ao sul, "o esplêndido quadrilátero, assim formado, constitui uma terra de futuro próximo muito promissor".

"A serra da Esperança é a borda do terceiro terraço paranaense".

Devido ao relevo montanhoso, que multiplica os desníveis dos rios, em corredeiras, saltos, cachoeiras, o autor denominou a região de "paraíso da hulha branca", onde, todavia, não falta o solo apropriado à lavoura de leguminosas, gramíneas, e outras plantas, de cujo cultivo tratam com êxito os lavradores regionais.

"No Paraná-Oeste há campos e matas", afirma o autor, que esclarece ainda: "a floresta se apresenta em andares. Em cima a araucária *brasiliensis*, a imbuia, a peroba, o cedro, a maçaranduba, de porte gigantesco.

Logo abaixo a erva-mate, a canela, e algumas lauríneas e mirtáceas. Próximas ao solo, sombreadas pelos andares superiores, vivem as gramíneas. Enleando o conjunto, como uma defesa contra o homem e o machado, avultam os cipós, as lianas e as trepadeiras".

Ao sintetizar a fase de desbravamento e conquista do território, assinalou: "foi ali que o impávido cacique GUARACÁ pronunciou a sentença heróica: Esta terra tem dono", ao rechaçar o primeiro pretendente branco a dominá-la.

Para provar que não se esquecera das paragens perlustradas a serviço da Comissão de Fronteiras, o número 2 de 1945 trouxe a lume nova contribuição, a que deu o título de "Alguns Aspectos Fisiográficos do Território de Guaporé".

Começa pela síntese histórica da região e da ferrovia, cuja construção o Tratado de Petrópolis, negociado pelo barão do RIO BRANCO, favoreceu, garantindo-lhe a execução.

Com pleno conhecimento do terreno, explana o tema escolhido, para lhe apontar as características aos leitores.

Era diretor da E F Noroeste do Brasil, quando, ao agradecer as homenagens dos admiradores, por completar o primeiro aniversário de administração, considerou-lhe o valor econômico e o "futuro que está reservado à nossa ferrovia", conforme divulgou o número 2 da "Revista" de 1947.

Qualificou-a de "estrada inacabada", que havia mister de aparelhar-se convenientemente, para desempenhar o papel que lhe cabe em vasta região, ligada a São Paulo, pela bitola larga, até Bauru, da E F Paulista, e estreita da E F. Sorocabana, e prolongada por terras bolivianas pela E F Brasil-Bolívia.

Para lhe apressar o engrandecimento, esforçou-se em melhorar-lhe o traçado, por meio de vertentes, a linha permanente e o material rodante, como administrador laborioso.

Aliás, era-lhe o traço característico, de trabalhador infatigável, que o patriotismo orientava, como evidenciou em Goiânia, por ocasião da sua inauguração oficial, por julho de 1942, ao proferir conferência acerca de "A Conquista do Brasil pelos Brasileiros".

Consoante suas diretrizes, os livros em que semeou conhecimentos e idéias fecundas, tomaram títulos expressivos: "Limites do Brasil" — "Oeste Paranaense" — "Terras de Mato Grosso e da Amazônia" — "Grandes Soldados do Brasil" — "Cidades e Sertões" — "Índios do Brasil".

Neste, em particular, não calou os sentimentos de solidariedade humana, que lhe inspiravam os sofrimentos dos silvícolas, acorde com as doutrinas do seu chefe abnegado, general RONDON.

E porque venerava o guia incomparável, também realçava os méritos dos seus discípulos prediletos, da classe de J SALUSTIANO LIRA, inteligência de escol e caráter peregrino, que as águas do Cipotuba traçaram em acidente fatal.

LIMA FIGUEIREDO dedicou-lhe página comovida em "Vultos da Geografia", que enaltece o naufrago e o parceiro de excursão.

"Dois fatos sublimes no meio desta horrenda catástrofe, concluiu.

Puseram, de início, a vida em perigo para salvar o material que lhes permitiria continuar o serviço. Em seguida, a ação do tenente BOTELHO que procurou salvar a caderneta com as observações astronômicas e levantamentos feitos, para depois ir em socorro do valeroso companheiro que se debatia no torvelinho das águas.

Quis o destino que ambos morressem gloriosamente como mártires da conquista geográfica no nosso imenso e amado Brasil".

Devassador também dos sertões brasileiros, bem soube LIMA FIGUEIREDO aquilatar os méritos do engenheiro militar, que se afastou da cátedra de astronomia, para, mais uma vez, a derradeira, manejar os instrumentos com que se carteava com as estrêlas, que lhe davam a posição exata do local de observação.

Operaram ambos na memorável Comissão Rondon e ora se juntam nesta galeria, em que ingressam as individualidades que souberam contribuir para o progresso dos estudos geográficos no Brasil.

VIRGÍLIO CORRÊA FILHO